

(Contra)Mestiçagens Ameríndias e Afro-Americanas

Francisco Pazzarelli¹

Julia F. Sauma²

Maria Belén Hirose³

Oferecemos aqui a estabilização momentânea de um movimento coletivo que começou há mais de uma década e que, pelo que tudo indica, continuará por diversos caminhos. Em sua diversidade e, ao mesmo tempo, nos fluxos comuns que perpassam todos os trabalhos de forma transversal, esse conjunto de textos ilumina o elo central da proposta de produzir teorias etnográficas da (contra)mestiçagem. A partir de pesquisas com e sobre povos que estão perpetuamente na mira de políticas e ações violentas e colonizadoras, e que nem por isso se submetem às mesmas, o dossiê apresenta descrições minuciosas de como tais coletividades não estão à mercê dos referenciais integracionistas da mistura que são utilizados, de fora, para dissolver as suas potências.

Tal esforço coletivo surge como resposta aos limites de um vocabulário sociológico moderno. Assim, a (contra)mestiçagem abrange tanto as teorias etnográficas que se opõem a noções de mestiçagem, mistura e/ou sincretismo de forma radical quanto aquelas que tomam posse de tais noções, incluindo-as em um modo de pensar e fazer onde os conceitos são forças estratégicas em movimento. A proposta coletiva é, portanto, a permanente busca por meios de revelar e/ou dar inteligibilidade a teorias e mundos ofuscados nas descrições existentes sobre encontros, reais e ideacionais, entre povos afro-americanos e ameríndios. Neste dossiê, desfaz-se a naturalidade dada à fusão ou à integração como resultado de tais encontros, uma vez que a guerra contra a dissolução e o enfraquecimento – quer dizer, contra o bloqueio dos fluxos de produção do novo – deve ser permanente. O resultado dessa busca por um novo modo descritivo é a elicitação das múltiplas teorias nativas que existem acerca da mistura ou não mistura, dos encontros e articulações possíveis entre os lados do mundo que, ao mesmo tempo, sempre preservam a diferença.

Central às potências que norteiam as noções e práticas elaboradas pelos povos e as pessoas que aparecem aqui, está um argumento relacional diverso, nunca-totalizante. As sínteses disjuntivas, variações contínuas, as composições momentâneas, as coexistências

- 1 Investigador do CONICET no Instituto de Antropología de Córdoba e professor da Universidade Nacional de Córdoba.
- 2 Pós-doutoranda da CAPES no PPGAS da Universidade de São Paulo, Doutora em Antropologia pela University College London (2014).
- 3 Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Nacional de San Martín.

e confluências das diferenças que aparecem nesses lugares orientam diversas teorias etnográficas da (contra)mestiçagem. Para tanto, sustentando o movimento, alimenta-se a alteridade perpetuamente, trabalhando em direção à uma paz tênue, a ser feita e refeita constantemente, por deslocamentos identitários, corporais e relacionais, em contraposição à ideia totalizante de uma sociedade nacional integrada, uma paz ecumênica que depende da guerra constante contra as diferenças, seja com feitiço ou com balas.

Nas etnografias apresentadas aqui a violência é real mas não significa nem a capitulação, nem a omissão ou a paralisação. Ao invés, vemos a manutenção de batalhas existenciais e, com isso, a possibilidade de gerar o novo constantemente, mesmo em espaços perigosos e desconhecidos. Assim, não seria por acaso que a criação ocorre, principalmente, através do corpo que, em vez de ser tratado como resultado de encontros entre diferentes povos, comportam tais encontros, revelando ou comunicando a confluência em permanente negociação entre mundos internos e externos. Tal produção ocorre a partir de reflexões constantes sobre guerras ou conflitos, entre lados que potencializam a diferença e assim estabilizam novas composições coletivas. (Contra)mistura essa que mantém a alteridade para manter a vida em sua extrema delicadeza: com a possibilidade de fazer e fazer-se, de conectar, de casar, de brigar, de estar em movimento em um mundo que nunca termina, mesmo quando já terminou. É nesse sentido que o presente movimento coletivo pode continuar por muitos caminhos, pois opera por traçar vidas e forças que estão sempre em formação.

Este dossiê consiste na reunião parcial de textos originalmente apresentados em duas atividades desenvolvidas no âmbito da XI Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada em Montevideu, em dezembro de 20154. Da Mesa Redonda “Mestiçagens e (Contra) Mestiçagens Ameríndias e Afro-Americanas” (coordenada por Francisco Pazzarelli e Marcio Goldman), todas as quatro apresentações, assim como os comentários finais de José Carlos Gomes dos Anjos, estão aqui publicados. Do Grupo de Trabalho “Teorias Etnográficas da (Contra)Mestiçagem” (coordenado por Julia Frajtag Sauma, Maria Belén Hirose e Marcio Goldman), por diferentes razões, algumas contribuições não puderam ser publicadas5.

Aos treze textos assim reunidos, acrescentamos cinco resenhas de livros que guardam estreitas relações com os temas dos encontros e deste dossiê. Além disso, contamos com a sorte de poder publicar uma entrevista concedida por Silvia Rivera Cusicanqui a Francisco Pazzarelli, que acrescentou uma dimensão propriamente andina aos temas da (contra)mestiçagem e do (contra)sincretismo cuja discussão, no dossiê, se distribui desde as cidades de Pelotas e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, até a Amazônia Peruana, passando por boa parte do litoral brasileiro (São Paulo, Extremo-Sul Baiano, Salvador da Bahia, Recife), pela Chapada Diamantina, Vale do São Francisco, agreste e sertão pernambucano, pelo Brasil Central e pelas Terras Altas onde vivem comunidades afro-bolivianas.

4 Gostaríamos de agradecer a todas e todos que participaram dos encontros que deram origem a este dossiê e que ajudaram em sua publicação. Com um agradecimento especial a José Carlos Gomes dos Anjos pelo belo comentário que apresentou na Mesa Redonda “Mestiçagens e (Contra)Mestiçagens Ameríndias e Afro-Americanas”.

5 Nomeadamente, as de Fernando Augusto Fileno, João Ramos, Laure Garrabé, Marina Guimarães Vieira, Natalia Velloso Santos, Noshua Amorais de Moraes e Silva, Rafael Antonio Rodrigues e Roberto Romero. Todas, contudo, foram de fundamental importância para as reflexões que se desenrolaram durante as sessões de trabalho bem como para aquelas que se seguem nesta Introdução.